

# A INVASÃO RUSSA DA UCRÂNIA E A EMERGÊNCIA DO EIXO DA CONVENIÊNCIA SINO-RUSSO

Sónia Sénica

## INTRODUÇÃO

Cerca de três anos após a invasão russa, a Ucrânia continua emergida numa guerra existencial pela sua soberania, pela sua integridade territorial e pela sua independência. O conflito encontra-se numa fase crítica, com as posições dos beligerantes bastante inflexíveis, mas com uma enorme pressão internacional para se encetarem negociações tendentes à pacificação, sobretudo da parte do futuro presidente norte-americano, Donald Trump. A eventual mudança nas linhas estruturantes de política externa norte-americana e na abordagem política à crise ucraniana poderá fragilizar a posição ucraniana, beneficiar a posição de Moscovo e incutir uma maior responsabilização europeia na futura arquitetura em matéria de segurança e defesa.

A incapacidade de se encetarem negociações por força de se considerarem inaceitáveis as condições impostas pelo Kremlin e a manutenção das hostilidades militares denotam o compromisso russo em prolongar o conflito, exercendo pressão com vista a demover a resiliência<sup>1</sup> ucraniana e a deslegitimar a liderança política de Zelensky. A Ucrânia permanece firme na sua resistência – quer no plano estratégico-militar, quer no plano político-diplomático – e focada em alcançar uma paz justa, mas assumindo cada vez mais uma mudança de posicionamento político decorrente de uma leitura mais pragmática e realista visando a pacificação, mesmo com uma possível cedência territorial. Pautando até agora o seu apoio à causa ucraniana «enquanto for necessário» com a estratégia dual de imposição de

## RESUMO

A invasão russa da Ucrânia emerge como a materialização de um projeto político da Rússia de Putin. A política externa russa mais assertiva e agora militarizada motivou a confrontação estratégica com o Ocidente e promoveu o reforço de alianças e parcerias estratégicas visando contornar o isolamento internacional, deter a influência ocidental e criar uma ordem multipolar. O receio de que a influência ocidental atente contra a preservação do regime russo fundamenta os princípios que animam a política externa russa sob a liderança de Vladimir Putin. A guerra russa na Ucrânia apresenta-se como uma guerra existencial para a Rússia de Putin. Em que medida o reforço da parceria estratégica com a China serve os propósitos de Moscovo e de que forma a ambiguidade pró-russa de Pequim tem sido facilitadora da política militarizada russa na Europa motivam a presente reflexão.

Palavras-chave: Federação Russa, China, Ucrânia, eixo da conveniência.

## ABSTRACT

**RUSSIA'S INVASION  
OF UKRAINE AND THE  
EMERGENCE OF THE SINO-  
RUSSIAN AXIS OF  
CONVENIENCE**



Russia's invasion of Ukraine emerges as the materialization of a political project of Putin's Russia. The most assertive and now militarized Russian foreign policy after the invasion of Ukraine paves the way for a strategic confrontation with the West. It promotes strengthening alliances and strategic partnerships to circumvent international isolation, deter Western influence, and create a multipolar order. The fear that Western influence will threaten the Russian regime's preservation underlies the principles that underpin Russian foreign policy under the leadership of Vladimir Putin. The Russian war in Ukraine presents itself as an existential war for Putin's Russia. How the strengthening of the strategic partnership with China serves Moscow's purposes and how Beijing's pro-Russian ambiguity has facilitated Russia's militarized policy in Europe motivates this reflection.

*Keywords:* Russian Federation, Ukraine, China, axis of convenience.

sanções económicas e de fornecimento de armamento capacitante em termos defensivos, o Ocidente enfrenta um dilema. A eleição de Donald Trump, a ausência de uma verdadeira liderança europeia e a existência de diversas dinâmicas de conflitualidade em curso obrigam a uma necessária reorganização da posição ocidental de apoio à Ucrânia. Considerada uma crise multinível com impacto muito além do continente europeu, a invasão russa da Ucrânia fez emergir o denominado «eixo da conveniência», a parceria ilimitada entre a Rússia e a China, que tem permitido a Moscovo contornar o isolamento internacional promovido pelo Ocidente, substituir a perda do mercado europeu e reforçar a sua posição internacional na construção de uma frente de países com regimes iliberais – Rússia, China, Coreia do Norte e Irão – que partilham o facto de terem como principal oponente no sistema internacional, os Estados Unidos da América (EUA). De entre a especificidade eurasiática russa, em que medida a viragem de Moscovo para a sua dimensão asiática poderá revelar-se como uma opção acertada que, muito além de consolidar e dotar a agenda externa do Kremlin de contestação ao Ocidente de maior projecção de poder, torna a Rússia demasiado dependente da China ao ponto de embargar a sua própria autonomia política em termos internacionais? Moscovo não pretende ser o parceiro júnior chinês, mas apesar de serem dois países soberanos, a assimetria económica e a fragilidade da economia russa forçam o Kremlin a acalantar as ambições chinesas em termos internacionais. A realização da primeira cimeira entre a China e a Ásia Central sem a presença da Rússia ou as aspirações chinesas no Ártico, capitalizando da dimensão ártica russa, são ilustrativos de que poderá existir potencial para uma futura tensão entre os agora parceiros estratégicos que partilham princípios partilhados na construção de um multilateralismo alternativo ao Ocidente e de uma ordem multipolar.

## **O CARÁCTER DISRUPTIVO DA INVASÃO RUSSA DA UCRÂNIA**

«I AM CONFIDENT THAT TRUE SOVEREIGNTY OF UKRAINE IS POSSIBLE ONLY IN PARTNERSHIP WITH RUSSIA. OUR SPIRITUAL, HUMAN AND CIVILIZATIONAL TIES FORMED FOR CENTURIES AND HAVE THEIR ORIGINS IN THE SAME SOURCES.»<sup>2</sup>

A invasão russa da Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022 emerge como um fator disruptivo<sup>3</sup> da arquitetura de segurança europeia com impactos significativos na ordem internacional.

A ação militarizada russa no país vizinho promoveu uma crise multinível com consequências relevantes na dimensão militar, político-diplomática, humanitária, energética e alimentar. No quadro de uma lógica tendencialmente securitária face à ameaça russa verificou-se não apenas a alteração da política externa de vários Estados europeus, como também a própria alteração da dinâmica de alianças na política internacional. Em matéria de segurança e defesa, atores como a União Europeia (UE) ou a própria Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla inglesa) viram-se forçados a reagir ao regresso da guerra ao continente europeu numa escala não verificada desde a Segunda Guerra Mundial<sup>4</sup>. Além da frente militar e da frente política, a frente diplomática revelou-se de grande relevância na contraposição de argumentos, de declarações e até de linguagem não verbal. Um dos palcos privilegiados deste amplo e fervoroso debate acabou por ser a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

No entanto, no quadro do epíteto do multilateralismo – a ONU – verificou-se a dificuldade objetiva de atuação pelo facto de um dos beligerantes, no caso a Federação Russa, ser um dos membros permanentes do Conselho de Segurança com direito de veto. Na considerada confrontação estratégica entre o Ocidente alargado que apoia a causa ucraniana e a Federação Russa, emerge ainda o denominado eixo da neutralidade, no qual se posicionam países que não só não alinham na condenação da Rússia de Putin, como mantêm uma posição privilegiada com todos os intervenientes dotando de um certo pragmatismo a condução da sua ação externa e a consequente prossecução dos seus interesses nacionais. De entre estes países, parece emergir como caso paradigmático a Índia de Modi que, mantendo uma relação privilegiada quer com a Federação Russa, quer com os EUA, assume a sua neutralidade com reiterados apelos à defesa dos «três D»: «democracia, diálogo e diplomacia»<sup>5</sup>.

Outra dimensão igualmente relevante foi o papel de eventual mediação do conflito tendente à sua pacificação. Do agravamento da tensão<sup>6</sup> ao momento de impasse negocial emergiram várias fórmulas, propostas e projetos de acordo de paz – desde a defesa do canal político-diplomático com Moscovo ou o «não permitir que a Rússia perca a face», caso da França de Macron; à relutância inicial em suspender o Nord Stream 2 e em fornecer armamento capacitante em termos defensivos a Kyiv

(Kiev), caso da Alemanha de Scholz; ou ainda de se tentar capitalizar o prestígio internacional e gerir questões domésticas, como a Turquia de Erdogan no que concerne o «alargamento Putin»<sup>7</sup> da NATO com adesão da Finlândia e da Suécia – cedo parece ter ficado evidente que a função de mediação, movida pelo imperativo da paz, seria apete-

cível para interlocutores que não apenas o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, ou até mesmo para o chefe da Igreja Católica, o Papa Francisco. Na verdade, de entre as hostilidades militares e ao longo de vários meses, apenas foi possível ter sucesso

APENAS FOI POSSÍVEL TER SUCESSO DIPLOMÁTICO DE MEDIAÇÃO NA IMPORTANTE INICIATIVA DE ISTAMBUL – COM O DUPLO ACORDO DE DESBLOQUEIO DOS CEREIS UCRANIANOS QUE, DURANTE A SUA DURAÇÃO, ACALMOU AS PREOCUPAÇÕES SOBRETUDO DA UNIÃO AFRICANA – OU NAS SUCESSIVAS TROCAS DE PRISIONEIRO DE GUERRA.

diplomático de mediação na importante iniciativa de Istambul – com o duplo acordo de desbloqueio dos cereais ucranianos que, durante a sua duração, acalmou as preocupações sobretudo da União Africana – ou nas sucessivas trocas de prisioneiros de guerra que culminariam com um dos mais mediatizados redutos da resistência ucraniana, o complexo metalúrgico de Azvostal e que já conta, até ao momento, com cerca de dez mediações bem-sucedidas dos Emirados Árabes Unidos. Se se atentar ao argumentário que subjaz à fundamentação e legitimação da «operação militar especial» russa na Ucrânia, o Presidente Putin apontava desde logo a desnazificação e a desmilitarização<sup>8</sup>, com conseqüente capitulação da liderança de Volodymyr Zelensky e defesa do Russkiy Mir. Mas a avidez de Moscovo fez transparecer que a sua real intenção é a articulação *inter pares* com Washington da futura arquitetura de segurança europeia.

## **A GUERRA EXISTENCIAL DE PUTIN FACE AO OUTRO**

«THE WESTERN ELITE MAKE NO SECRET OF THEIR GOAL, WHICH IS, I QUOTE, “RUSSIA’S STRATEGIC DEFEAT”»<sup>9</sup>

Há muito que se verificava o caminho para uma política externa russa<sup>10</sup> cada vez mais assertiva e militarizada. As três intervenções militares russas anteriores – Geórgia em 2008, anexação da Crimeia em 2014 e guerra civil síria em 2015 – dotaram de alento as pretensões do Kremlin para reclamar o estatuto da Rússia como grande poder com direito à sua área de influência, o espaço pós-soviético. A implosão da então União Soviética, percecionada como «a maior catástrofe geopolítica do século XX»<sup>11</sup> por Putin, aliada ao seu entendimento do considerado «declínio da ordem internacional unipolar»<sup>12</sup>, motivou a defesa do multipolarismo e a exigência do reconhecimento internacional da Rússia como ator de relevo, assumindo assim uma postura de potência revisionista no sistema internacional.

O carácter coconstitutivo da política russa, «o interméstico russo»<sup>13</sup>, que remete para a intrínseca relação entre o ambiente doméstico e o plano externo, mediante a qual a ação externa é fundamentada e legitimada internamente, representa uma das particularidades da Rússia de Putin. Ao longo de mais de duas décadas, o Presidente russo consolidou uma liderança forte, centralizada, vertical e personalizada perante uma sociedade civil cada vez mais conservadora e apática. No plano externo, encetou um caminho de franca tensão com o Ocidente, em particular com os EUA, que resultaria «em relações bilaterais no seu ponto mais baixo historicamente»<sup>14</sup> na atualidade.

A invasão russa da Ucrânia deve ser assim encarada como o culminar de um projeto antigo, que se foi consolidando aos longo de anos, na certeza de que se poderia revitalizar a Pátria Mãe, a Grande Rússia. Foi em certa medida a concretização desse desiderato que moldou os vários ciclos de atuação política russa fundamentando-se quer na existência da ameaça permanente do «Outro», quer também em conceitos basilares

como o *ethos* russo, a honra ou a glória russas. A prossecução deste propósito explica o recurso tanto a instrumentos ditos tradicionais, seja a diplomacia ou a guerra, como a mecanismos híbridos<sup>15</sup>, seja a campanha de desinformação nas redes sociais ou a ingerência em processos eleitorais ocidentais.

Outra característica igualmente relevante é a forma exímia como o Kremlin conduz a sua ação para acautelar as suas pretensões e alcançar os seus objetivos. Quer seja pela subversão dos princípios e leis internacionais, pela adulteração dos factos históricos, pelo condicionamento da informação ou pela aniquilação de qualquer forma de oposição, é num quadro de uma certa impunidade que Moscovo enceta uma postura camaleónica de utilização das regras do jogo a seu favor, bloqueando o sistema onusiano por dentro, ao mesmo tempo que promove uma alternativa ao mundo ocidental, advogando com o seu parceiro estratégico chinês «uma ordem internacional mais democrática e justa»<sup>16</sup>.

É no quadro de um certo pragmatismo e realismo que o Kremlin tem sabido não só contornar o impacto nefasto das sanções económicas como contar com variáveis importantes. Seja a utilização do inverno rigoroso ucraniano a seu proveito ou aguardar pela fadiga do conflito com o seu prolongamento, seja ainda contar que os EUA imporiam unilateralmente a principal restrição que abriria espaço à tomada de decisão consciente de que nunca haveria «american boots on the ground»<sup>17</sup> em solo ucraniano. A sua análise muito pragmática e realista de que em certa medida poderia encetar uma incursão militar num país vizinho baseou-se no conhecimento adquirido ao longo de anos de relacionamento com diversas lideranças ocidentais, de entre as quais vários presidentes norte-americanos, permanecendo imutável Vladimir Putin na liderança da Rússia.

De igual modo, é nessa medida que se compreende o reforço de parcerias e dinâmicas de alianças noutras áreas regionais consideradas relevantes seja em termos económicos, seja em termos político-diplomáticos, contrariando a tentativa de isolamento da Rússia na política internacional. O continente africano afigura-se como um desses casos paradigmáticos, na medida em que Moscovo rentabiliza os importantes laços históricos e políticos, herança do período de apoio soviético aos movimentos independentistas, para deixar a sua pegada em África. Responsabilizando o Ocidente pelos problemas que assolam os países africanos, apontando-lhe sobretudo uma certa abordagem neocolonialista, Moscovo tenta diferenciar-se por não exigir aos seus parceiros africanos o cumprimento de critérios políticos como o respeito pelo Estado de direito ou pelos direitos humanos para cooperar.

A lógica externa russa passa por defender a sua influência no espaço pós-soviético, encontrar alternativas ao mercado europeu, preencher o vazio norte-americano em

A LÓGICA EXTERNA RUSSA PASSA POR DEFENDER A SUA INFLUÊNCIA NO ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO, ENCONTRAR ALTERNATIVAS AO MERCADO EUROPEU, PREENCHER O VAZIO NORTE-AMERICANO EM ALGUMAS REGIÕES DO MUNDO E CONSTRUIR UM MULTILATERALISMO ALTERNATIVO QUE SIRVA OS SEUS PROPÓSITOS.

algumas regiões do mundo e construir um multilateralismo alternativo que sirva os seus propósitos. De certa forma, o país confunde-se com o líder, daí que a Rússia de Putin seja igualmente desconfiada, distante e calculista. De entre a sua especificidade eurasiática, a pressão ocidental acabou por levar Moscovo a encetar um reforço da parceria estratégica com Pequim naquilo que se denominaria por «parceria ilimitada». O reforço do vetor asiático da política externa russa desde a invasão russa da Ucrânia atribuiu à China o papel não apenas de «facilitador do esforço de guerra russo»<sup>18</sup>, como também o de «desafiador sistémico»<sup>19</sup> pelo Ocidente.

## A PERCEÇÃO DE CERCO OCIDENTAL E O REFORÇO DA RELAÇÃO COM A CHINA

«THE RUSSIA-CHINA RELATIONS [...] PROVIDE AN EXAMPLE  
OF HARMONIOUS AND CONSTRUCTIVE COOPERATION  
BETWEEN MAJOR POWERS.»<sup>20</sup>

A nova era da política asiática russa reflete uma opção estratégica russa. O carácter disruptivo da invasão russa da Ucrânia e a conseqüente confrontação estratégica com o Ocidente alargado reforçou o vetor asiático da Rússia para evitar o isolamento internacional. A parceria estratégica e ilimitada com a China e a defesa conjunta de uma ordem multipolar é advogada através da refutação da hegemonia norte-americana. A emergência de um multilateralismo alternativo ao ocidental em paralelo com a manutenção da presença no sistema onusiano revela o carácter subversivo da agenda externa de Moscovo contando com o apoio de Pequim<sup>21</sup>.

O reforço da cooperação «sem restrições» com a China, o estreitar de laços com a Índia ou a «operação de charme» no Sul Global de entre «o eixo da condenação» e o «eixo da neutralidade» visam a refutação da hostilidade diplomática e da condenação do Ocidente

O REFORÇO DA COOPERAÇÃO «SEM RESTRIÇÕES»  
COM A CHINA, O ESTREITAR DE LAÇOS COM A ÍNDIA  
OU A «OPERAÇÃO DE CHARME» NO SUL GLOBAL  
DE ENTRE «O EIXO DA CONDENAÇÃO»  
E O «EIXO DA NEUTRALIDADE» VISAM A REFUTAÇÃO  
DA HOSTILIDADE DIPLOMÁTICA E DA CONDENAÇÃO  
DO OCIDENTE ALARGADO E A PROMOÇÃO  
DE UMA COOPERAÇÃO BILATERAL DESPROVIDA  
DA EXIGÊNCIA DE CRITÉRIOS POLÍTICOS.

alargado e a promoção de uma cooperação  
bilateral desprovida da exigência de critérios  
políticos como o respeito pela democracia,  
pelo Estado de direito ou pelos direitos  
humanos. Ao contrário do Ocidente, a coo-  
peração sino-russa advém do pragmatismo  
e dos benefícios conjuntos e da existência  
de princípios partilhados, tais como: o res-  
peito pela soberania e integridade territo-  
rial; a não ingerência em assuntos internos;  
a defesa da ordem internacional multipolar;

o princípio da indivisibilidade da segurança; a defesa do multilateralismo onusiano; o refutar da hegemonia unipolar norte-americana e a defesa de uma arquitetura de segurança estável e previsível.

No quadro de uma moldura normativa de declaração conjunta de parceria ilimitada, está também consagrado na recente versão do Conceito de Política Externa russo de 2023<sup>22</sup> quer a ameaça por parte do Ocidente e dos seus parceiros, quer a assunção da China e da Índia como os principais aliados de Moscovo. Tendo como denominador comum, os EUA como principal oponente no sistema internacional, a perceção de «cerco ocidental» motiva o estreitar de laços entre a Rússia e a China. Seja pelo alargamento da NATO, seja pela proliferação de bases militares norte-americanas próximas, seja, ainda, pela existência de plataformas de cooperação multilateral como o QUAD ou o AUKUS, a interdependência sino-russa remete para duas dimensões: político-militar, com apoio bilateral e concertação de posições, e estratégico-militar, com a realização de exercícios conjuntos e consequente projeção de poder ou económica, com a China a emergir como principal parceiro comercial russo.

Para além do reforço de parcerias e da nova dinâmica de alianças, o alargamento de plataformas de cooperação multilateral de influência sino-russa, tal com os BRICS ou a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), demonstra a criação de um multilateralismo alternativo ao Ocidente visando, sobretudo, conter a influência norte-americana. De entre a atual confrontação estratégica com o Ocidente, uma nova frente emerge como paradigmática: a região do Ártico. Contribuindo para a projeção da sua identidade externa, a Rússia assume-se como um país ártico por natureza. O degelo motivado pelas alterações climáticas permitindo a utilização de novas rotas marítimas, a militarização da região, as ambições territoriais ou a exploração de recursos naturais têm gerado tensão, sobretudo, com os restantes países que pertencem ao Conselho do Ártico. Também aqui a Rússia conta com o parceiro chinês. Mas o aproveitamento chinês do potencial oferecido pela particularidade ártica do parceiro russo demonstra que a China também tem ambições na região. O Ártico emerge como ilustrativo da fatura onerosa que Moscovo parece ter de pagar para contar com o importante apoio chinês. As motivações da China no Ártico, assumindo-se como um «Near Arctic State»<sup>23</sup>, no caso da rota polar da seda, o acesso à região visa a obtenção de benefícios comerciais nesta nova fronteira.

## **CONCLUSÃO**

*«NOTHING WILL BE AS IT USED TO BE IN GLOBAL POLITICS.»<sup>24</sup>*

A escolha do momento para se invadir a Ucrânia resulta da confluência de diversos fatores cuja avaliação mereceu a devida ponderação, entre custos e benefícios, por parte do Kremlin, como sejam, a ausência de uma resposta ocidental mais assertiva perante anteriores ações militarizadas russas, a perceção de declínio ocidental ou o fim da ordem internacional liberal de hegemonia norte-americana. A longa experiência política da liderança russa, a ação disruptiva de Moscovo no sistema onusiano,

bem como a sustentação de uma narrativa russa de responsabilização ocidental por dinâmicas de conflitualidade e por uma cooperação de cariz neocolonial, permitiram a Moscovo promover um choque sistémico sem precedentes face ao Ocidente com consequências globais.

Na sequência da «operação militar especial», ocorreu a emergência do eixo da indignação, na forma do Ocidente alargado que apoia a Ucrânia, face ao eixo da conveniência, retratado pelo reforço da relação bilateral entre Moscovo e Pequim, o que possibilitou ainda o posicionamento ambíguo do eixo da neutralidade, entre os países do denominado «Sul Global». O reconhecimento da Rússia como uma grande potência com direito à sua área vital fundamenta, sustenta e, em certa medida, legitima a visão do mundo pelas lentes de Moscovo. A recusa do alargamento da esfera de influência ocidental às suas fronteiras, seja por via da NATO ou da EU, e a construção de um multilateralismo alternativo ao Ocidente, alargando plataformas de cooperação multilateral de influência sino-russa, como os BRICS ou a OCX, demonstram o alcance do ímpeto revisionista russo que apenas se torna possível em estreita concertação com o parceiro chinês.

A parceria estratégica com Pequim resulta da perceção comum de cerco ocidental em várias dimensões: político-diplomática, estratégico-militar e, ainda, económica. A instrumentalização da Ucrânia pelo Ocidente, como uma *proxy war*, a aplicação de medidas restritivas atentatórias à economia russa ou a acusação à China de ser um desafiador sistémico e um facilitador da assertividade e beligerância russas, possibilitaram o reforço do vetor asiático da política externa russa. Rússia e China refutam a liderança norte-americana do sistema internacional, advogam a construção de uma ordem mundial multipolar e promovem a criação de um multilateralismo alternativo ao Ocidente. A ameaça que configura o quarteto de países como a Rússia, a China, o Irão e a Coreia do Norte já motivou mesmo a atualização da doutrina nuclear dos EUA prevendo um eventual cenário de ação conjunta. Por outro lado, as dinâmicas de conflitualidade e de cooperação devem ser analisadas de forma congregada visto ilustrarem opções, decisões e posições que refletem a atual dimensão mais securitária.

Relativamente à guerra na Ucrânia, mais do que impor a sua vontade sobre o «Outro», o conflito reveste-se de enorme relevância para Moscovo. O que daqui resultar ditará o futuro da Ucrânia, da arquitetura de segurança europeia e da ordem mundial em transição. Muito além da confrontação estratégica com o Ocidente, Vladimir Putin parece travar a sua maior batalha política em solo ucraniano: a defesa do regime russo e a preservação da sua própria liderança política. Contando, pelo menos por ora, com o patrocínio chinês. RI

*Data de receção: 30 de novembro de 2024 | Data de aprovação: 22 de janeiro de 2025*

**Sónia Sénica** Investigadora integrada do IPRI-NOVA e investigadora associada do OBSERVARE [Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)]. Professora auxiliar na UAL e professora auxiliar convidada na NOVA FCSH, é membro do Grupo de Reflexão do Atlântico do Instituto da Defesa Nacional e do Observatório de Segurança e Defesa da SEDES. Comentarista de política internacional

na CNN Portugal, as suas áreas de investigação incidem sobre a Federação Russa, política externa e política internacional.

> Universidade Autónoma de Lisboa, Rua de Santa Marta, 47, 3.º, 1150-293 Lisboa, Portugal | [ssenica@autonoma.pt](mailto:ssenica@autonoma.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1896-6121>

## NOTAS

**1** ZELENSKY, Volodimir – «The world wasn't ready for Ukrainian bravery». *The Kyiv Independent*. 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://kyivindependent.com/uncategorized/zelensky-the-world-wasnt-ready-for-ukrainian-bravery>.

**2** PUTIN, Vladimir – «On the historical unity of Russians and Ukrainians». 2021. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>.

**3** GRUYTER, Caroline de – «Putin's war is Europe's 9/11». *Foreign Policy*. 28 de fevereiro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/02/28/putins-war-ukraine-europe-hard-power/>. Vide ainda GASPAS, Carlos – «0 "11 de Setembro" europeu». In *Público*. 6 de março de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/03/06/opiniaopinia/11-setembro-europeu-1997654>.

**4** SÉNICA, Sónia – «A expansão da NATO, a Ucrânia e a deterioração das relações EUA-Rússia». In Loureiro, Felipe, ed. – *Linha Vermelha: A Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*. Campinas: Editora Unicamp, 2023, pp. 243-258.

**5** MODI, Shri Narendra – «Declarações iniciais do PM da Índia no encontro bilateral com o homólogo russo em Samarcanda, em 16 de setembro de 2022». Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://pib.gov.in/Press-ReleaseSelfFramePage.aspx?PRID=1859972>. Salvo indicação em contrário, todas as citações são traduções livres da autora.

**6** SÉNICA, Sónia – «A União Europeia e a Rússia no século XXI: parceiros ou adversários?». In NASCIMENTO, Daniela; FREIRE, Maria Raquel – *União Europeia como Ator Internacional: Paz e Segurança nas Narrativas e Práticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023, pp. 225-248.

**7** HERSZHENHORN, David M.; BAYER, Lili –

«Putin's war backfires as Finland aims to join NATO». *POLITICO*. 12 de maio de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-ukraine-war-backfires-finland-nato/>.

**8** PUTIN, Vladimir – «Anúncio da operação militar especial». *Sky News*. 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VV0WpSuFtlc>. Vide ainda TOMÉ, Luís – «Geopolítica da Rússia de Putin: não é a União Soviética, mas gostava de ser...». In *Relações Internacionais*. N.º 60, dezembro de 2018, pp. 69-99.

**9** PUTIN, Vladimir – «Discurso Anual do Estado da Nação». 21 de fevereiro de 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: [http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565?utm\\_source=pocket\\_reader](http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565?utm_source=pocket_reader).

**10** TSYGANKOV, Andrei, ed. – *Routledge Handbook on Russian Foreign Policy*. Londres: Routledge, 2018.

**11** «PUTIN: SOVIET collapse a "genuine tragedy"». *NBCNews*. 2005. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna7632057>.

**12** PUTIN, Vladimir – «Discurso proferido aquando da Conferência de Segurança de Munique». 2007. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/copy/24034>. Vide ainda SEVERIANO TEIXEIRA, Nuno – «Hitler revisitado». In *Público*. 22 de fevereiro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/02/22/opiniaopinia/hitler-revisitado-1996424>.

**13** FREIRE, Raquel – «Política externa russa no "intermístico" – uma abordagem construtivista». In *Relações Internacionais*. N.º 55, setembro de 2017, pp. 35-49.

**14** «RUSSIA SAYS relations with US at an all-time low». *Reuters*. 20 de janeiro de

2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-says-relations-with-us-an-all-time-low-2023-01-20/>.

**15** FERNANDES, Sandra – «Armar a Ucrânia: um falso dilema». In *Observador*. 17 de janeiro de 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://observador.pt/opiniaopinia/armar-a-ucrania-um-falso-dilema/>.

**16** «Xi, PUTIN building "more just" world order, top China envoy says». *Bloomberg*. 13 de setembro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-09-13/xi-putin-building-more-just-world-order-top-china-envoy-says>.

**17** «BIDEN SAYS putting U.S. troops on ground in Ukraine is "not on the table"». *Reuters*. 8 de dezembro de 2021. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/us/biden-says-putting-us-troops-ground-ukraine-is-not-table-2021-12-08/>.

**18** «NATO ACUSA China de ser um "facilitador decisivo" da guerra da Rússia contra a Ucrânia». *Euronews*. 11 de julho de 2024. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2024/07/11/nato-acusa-china-de-ser-um-facilitador-decisivo-da-guerra-da-russia-contra-a-ucrania>.

**19** «NATO DECLARES China a security challenge for the first time». *Al Jazeera*. 20 de junho de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/6/30/nato-names-china-a-strategic-priority-for-the-first-time>.

**20** «VLADIMIR PUTIN'S article for People's Daily Newspaper, Russia and China: a future-bound partnership». *President of Russia*. 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://www.en.special.kremlin.ru/events/president/transcripts/70743>.

21 SÉNICA, Sónia – «The bear has taken the honey: Putin's Russia predictability». In TÜFEKÇİ, Özgür; DAĞ, Rahman, eds. – *Trends and Transformation in World Politics*. Lexington Books, 2022, pp. 99-116.

22 KREMLIN – «The Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation». 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025.

Disponível em: [https://mid.ru/en/foreign\\_policy/fundamental\\_documents/1860586/](https://mid.ru/en/foreign_policy/fundamental_documents/1860586/).

23 GOVERNO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA – «Política da China para o Ártico [2018]». Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: [https://english.www.gov.cn/archive/white\\_paper/2018/01/26/content\\_281476026660336.html](https://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2018/01/26/content_281476026660336.html).

24 PUTIN, Vladimir – «Discurso proferido aquando do St. Petersburg International Economic Forum». 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/68669>.

## BIBLIOGRAFIA

«BIDEN SAYS putting U.S. troops on ground in Ukraine is "not on the table"». Reuters. 8 de dezembro de 2021. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/us/biden-says-putting-us-troops-ground-ukraine-is-not-table-2021-12-08/>.

FERNANDES, Sandra – «Armar a Ucrânia: um falso dilema». In *Observador*. 17 de janeiro de 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://observador.pt/opiniaop/armar-a-ucrania-um-falso-dilema/>.

FREIRE, Raquel – «Política externa russa no "interméstico" – uma abordagem construtivista». In *Relações Internacionais*. N.º 55, setembro de 2017, pp. 35-49. DOI: <https://doi.org/10.23906/ri2017.55a03>.

GASPAR, Carlos – «O "11 de Setembro" europeu». In *Público*. 6 de março de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/03/06/opiniaop/opiniaop/11-setembro-europeu-1997654>.

GOVERNO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA – «Política da China para o Ártico [2018]». Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: [https://english.www.gov.cn/archive/white\\_paper/2018/01/26/content\\_281476026660336.html](https://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2018/01/26/content_281476026660336.html).

GRUYTER, Caroline de – «Putin's war is Europe's 9/11». *Foreign Policy*. 28 de fevereiro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/02/28/putins-war-ukraine-europe-hard-power/>.

HERSZENHORN, David M.; BAYER, Lili – «Putin's war backfires as Finland aims to join NATO». *POLITICO*. 12 de maio de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-ukraine-war-backfires-finland-nato/>.

KREMLIN – «The Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation». 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: [https://mid.ru/en/foreign\\_policy/fundamental\\_documents/1860586/](https://mid.ru/en/foreign_policy/fundamental_documents/1860586/).

MODI, Shri Narendra – «Declarações iniciais do PM da Índia no encontro bilateral com o homólogo russo em Samarcanda,

em 16 de setembro de 2022». Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://pib.gov.in/PressReleaseIframePage.aspx?PRID=1859972>.

«NATO ACUSA China de ser um "facilitador decisivo" da guerra da Rússia contra a Ucrânia». *Euronews*. 11 de julho de 2024. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2024/07/11/nato-acusa-china-de-ser-um-facilitador-decisivo-da-guerra-da-russia-contra-a-ucrania>.

«NATO DECLARES China a security challenge for the first time». *Al Jazeera*. 20 de junho de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/6/30/nato-names-china-a-strategic-priority-for-the-first-time>.

PUTIN, Vladimir – «Discurso proferido aquando da Conferência de Segurança de Munique». 2007. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/copy/24034>.

PUTIN, Vladimir – «On the historical unity of Russians and Ukrainians». 2021. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>.

PUTIN, Vladimir – «Anúncio da operação militar especial». *Sky News*. 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVOWpSuFtfc>.

PUTIN, Vladimir – «Discurso Anual do Estado da Nação». 21 de fevereiro de 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: [http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565?utm\\_source=pocket\\_reader](http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565?utm_source=pocket_reader).

PUTIN, Vladimir – «Discurso proferido aquando do St. Petersburg International Economic Forum». 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/68669>.

«PUTIN: SOVIET collapse a "genuine tragedy"». *NBCNews*. 2005. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/id/wbna7632057>.

«RUSSIA SAYS relations with US at an all-time low». Reuters. 20 de janeiro de 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-says-relations-with-us-an-all-time-low-2023-01-20/>.

SÉNICA, Sónia – «The bear has taken the honey: Putin's Russia predictability». In TÜFEKÇİ, Özgür; DAĞ, Rahman, eds. – *Trends and Transformation in World Politics*. Lexington Books, 2022, pp. 99-116.

SÉNICA, Sónia – «A expansão da NATO, a Ucrânia e a deterioração das relações EUA-Rússia». In LOUREIRO, Felipe, ed. – *Linha Vermelha: A Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*. Campinas: Editora Unicamp, 2023, pp. 243-258.

SÉNICA, Sónia – «A União Europeia e a Rússia no século XXI: parceiros ou adversários?». In NASCIMENTO, Daniela; FREIRE, Maria Raquel – *União Europeia como Ator Internacional: Paz e Segurança nas Narrativas e Práticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023, pp. 225-248.

SEVERIANO TEIXEIRA, Nuno – «Hitler revisitado». In *Público*. 22 de fevereiro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/02/22/opiniaop/opiniaop/hitler-revisitado-1996424>.

TOMÉ, Luís – «Geopolítica da Rússia de Putin: não é a União Soviética, mas gostava de ser...». In *Relações Internacionais*. N.º 60, dezembro de 2018, pp. 69-99. DOI: <https://doi.org/10.23906/ri2018.60a05>.

TSYGANKOV, Andrei, ed. – *Routledge Handbook on Russian Foreign Policy*. Londres: Routledge, 2018.

«VLADIMIR PUTIN'S article for People's Daily Newspaper, Russia and China: a future-bound partnership». *President of Russia*. 2023. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://www.en.special.kremlin.ru/events/president/transcripts/70743>.

«XI, PUTIN building "more just" world order, top China envoy says». *Bloomberg*. 7 de setembro de 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em:

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-09-13/xi-putin-building-more-just-world-order-top-china-envoy-says>.

ZELENSKY, Volodimir – «The world wasn't ready for Ukrainian bravery». The Kyiv Independent. 2022. Consultado em: 1 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://>

[kyivindependent.com/uncategorized/zelensky-the-world-wasnt-ready-for-ukrainian-bravery](https://kyivindependent.com/uncategorized/zelensky-the-world-wasnt-ready-for-ukrainian-bravery).